

ARTIGO

**LINGUAGEM, CORPO E ESPÍRITO DA NATUREZA: UMA PROPOSTA DE  
(RE)CONEXÃO A PARTIR DA AQUILOMBAGEM CRÍTICA<sup>1</sup>**

*(Language, social world and Spirit of Nature: a discursive proposal for  
(re)connection from the Critical Aquilombagem approach)*

Gersiney Santos<sup>2</sup>  
*(Universidade de Brasília)*

Daiane Silva Santos<sup>3</sup>  
*(Universidade Federal do Mato Grosso)*

Maraneane Passos da Silva<sup>4</sup>  
*(Universidade Federal de Sergipe)*

Recebido em: julho 2020

Aceito em: fevereiro 2021

DOI: 10.26512/les.v22i1.32545

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado das reflexões teórico-metodológicas do grupo de estudos AFYA Epistemologias (afrocentricas@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e membro da Rede Latino-Americana de Análise de Discurso Crítica sobre a Pobreza Extrema (REDLAD) e do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília (UnB). Faz parte do Laboratório de Estudos Críticos (LabEC) da Universidade de Brasília. E-mail: gersiney@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e graduada em Psicologia pela mesma instituição. E-mail: psi.daianesantos@gmail.com.

<sup>4</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: maraneane@gmail.com.

## RESUMO

*O texto propõe uma reflexão acerca de Aquilombagem Crítica como possibilidade epistemológica gerada a partir da aproximação de movimentos teóricos e metodológicos - que focalizam estratégias discursivas para o protagonismo social - como meio para o repensar de novos contornos de geração e compartilhamento de conhecimentos. A proposta desse artigo é, pois, aprofundar o debate epistemológico e metodológico voltado a formas efetivas de aproximação entre educação e conhecimentos experienciais no Brasil com vistas à mudança social. Assim, a proposta da Aquilombagem Crítica pode ser observada como um ambiente de (re)conexão multidimensional para intervenções atentas ao diálogo plural entre realidades.*

**Palavras-chave:** *Aquilombagem Crítica. Discurso. Educação. Meio Ambiente. Letramentos*

## ABSTRACT

*This text proposes a reflection on Critical Aquilombagem as an epistemological possibility generated from the approximation of theoretical and methodological movements, which focus on discursive strategies for social protagonism, as a means to rethink new outlines for generating and sharing of social knowledge. The purpose of the article is to deepen the epistemological and methodological debate about effective ways of bringing education and experiential knowledge related to Brazil social issues in order to reach social change. Thus, Critical Aquilombagem can be observed as an environment of multidimensional (re)connection for interventions related to the plural dialogue between realities.*

**Keywords:** *Critical Aquilombagem. Discourse. Education. Environmental studies. Literacies.*

## RESUMEN

*El texto propone una reflexión sobre el Aquilombagem Crítico como una posibilidad epistemológica generada por la aproximación de movimientos teóricos y metodológicos - centrados en estrategias discursivas para el protagonismo social - como un medio para repensar nuevos esquemas para la generación y el intercambio de conocimiento. El propósito de este artículo es profundizar el debate epistemológico y metodológico dirigido a formas efectivas de acercar la educación y el conocimiento experimental a Brasil y la posibilidad de cambio social. Por lo tanto, Critical Aquilombagem puede observarse como un entorno de (re)conexión multidimensional para intervenciones atentas al diálogo plural entre realidades.*

**Palabras clave:** *Aquilombagem Crítico. Discurso. Educación. Estudios ambientales. Nuevas alfabetizaciones.*

## INTRODUÇÃO

Seguindo a trilha de discussão sobre luta e protagonismo das narrativas nacionais do Povo Preto na relação com o conhecimento, é preciso destacar a importância da comunicação interpessoal. Mais, para estratégias de superação de questões a nós impostas pelo histórico racista do estado brasileiro (ALMEIDA, 2019; FLAUZINA, 2006), é urgente observar a comunicação na sociedade desde uma perspectiva crítica, aproximando-a, assim, da experiência, do estar no mundo, com vistas a intervir positivamente nele.

Este artigo é resultado de reflexões referentes ao aprofundamento do rótulo da Aquilombagem Crítica entendendo-o como uma abordagem multidimensional para a construção de epistemologias de reexistência (publicação no prelo). Nossa proposta é compartilhar possibilidades teórico-

metodológicas baseadas em intelectuais que propõem estratégias de ruptura a partir da construção do conhecimento que valoriza a experiência social e a Ancestralidade do Povo Preto.

Na presente publicação, interessa-nos, portanto, discorrer sobre possibilidades de intervenção social a partir da proposta do corpo conectado à Natureza; para isso, recorreremos ao potencial linguístico-discursivo como meio de experimentarmos uma realidade de reconexão com novos-tradicionais modos de ser no mundo social.

Na primeira seção, propomos um debate sobre língua, linguagem e discurso, apontando como a Aquilombagem Crítica se localiza nessa importante relação. Na segunda parte, apresentamos uma ilustração da proposta de reconexão desde a perspectiva do discurso e da Natureza (influenciada pela etnoecologia). Na terceira e última divisão, indicamos a importância da educação como o condutor prático para viabilizar os conhecimentos relacionados nas seções anteriores.

## **1. LOCALIZANDO A AQUILOMBAGEM CRÍTICA NA HISTÓRIA**

Atentar, pois, para uma comunicação crítico-reflexiva implica estar ciente das relações que se podem estabelecer a partir da noção da história e da trajetória da luta pretas opacificadas em nossa cultura; diz respeito também a uma conduta proeminente atrelada à adoção de uma lógica alternativa à da violência, da apropriação e da expropriação ontológica. É mais especificamente nesse sentido que a Aquilombagem Crítica (doravante AC) se apoia para a tomada de consciência fundada nos conceitos de Ancestralidade, troca e experiência de comunidade.

A AC, segundo Santos (2019, p. 111):

pode dar-se a partir do cultivo do conhecimento e da valorização de grupos estrategicamente negativizados pela elite opressora (como aliás é também o caso da população indígena). A aquilombagem crítica deve deter-se em trazer para os/as envolvidos/as a noção de orgulho sem ufanismos, mas centrada em outra história de protagonismo (como o defendido por Beatriz Nascimento em seus trabalhos) e que necessita ter sempre como premissa a fluidez e a abertura para o acolhimento (com o entendimento de que acolher não pode ser confundido com o discurso assistencialista).

Assim sendo, a AC, inicialmente orientada a partir do poder da linguagem, está atenta a como podemos pensar modos de gestar e cuidar do conhecimento observando a importância que os saberes - por vezes depreciados - da cultura ancestral oferecem. É um rótulo que intenta condensar a construção coletiva e consciente de formas para o fortalecimento do Povo Preto e das demais coletividades historicamente violentadas no ocidente. Cabe lembrar que a AC é uma proposta cujo objetivo é reunir teorias e metodologias que apontem potenciais direções para o protagonismo social, mas, com base na tradição ancestral, de modo a abraçar comunidades quase dizimadas pela lógica

ocidental - tais como a indígena, por exemplo. Também à AC importa agregar as diferenças dentro de nossa própria comunidade: para tanto, ela reflete sobre como a reprodução de discursos (i.e., modos de entendimento do mundo social realizados em linguagem e mantidos por relações sofisticadas de convencimento) gerados na/pela branquitude (CARDOSO, 2010) é uma das armas para o genocídio de nosso Povo.

É nesse sentido que a AC estrutura-se no viés da reflexividade como um ponto de ruptura com a lógica ocidental da branquitude a fim de reoxigenar nossas mentes e corpos. Os/as que à AC se afiliarem, necessitarão entender que a branquitude continua forte em espaços fundamentais para nossa existência no mundo social. Assim sendo, dado todos os males produzidos por ela, é vital questionar e construir um escudo ontológico que nos dê tempo para uma reconfiguração como Povo (como coletivo que se cuida e que cuida do que lhe dá a Vida).

Mencionamos (orientados/as pela AC) a possibilidade de pensar uma nova história, mas sem, de modo algum, desconsiderar o que nos antecedeu: para mal, mas, absolutamente, para bem. A ideia é o sentido de acolhimento, perpassado pela noção de que a estrutura da branquitude é geracional, mas permanentemente repaginada, de maneiras a, determinadas vezes, vender a impressão de combater-se a si mesma; entretanto, ao analisar com a tranquilidade da Brisa que precede o mais forte Vento, perceberemos que os lugares de poder não se modificam de forma refundada: o que atribui ao Povo Preto, nessa lógica, um perfil pré-determinado. Pelas diversas estratégias de subjugação (em geral, relacionadas às formas mais básicas de ser no mundo), a saída, para muitos/as, é aceitar o papel que nos foi atribuído no intuito de apenas ter certa paz para seguir (sobre)vivendo. Como vemos cotidianamente, essa paz jamais chega, sendo constantes os casos de apagamento de nossos corpos e histórias pelos mais sortidos tipos de violência. Todos/as sabemos ou, pelo menos, já nos demos conta de que atributos como 'pobreza', 'objetificação', 'violência', 'irracionalidade', entre outros tantos, estão, socialmente, no mesmo campo de sentido do que é ser Preto no ocidente.

É, então, de grande necessidade passar do que já foi estabelecido como 'natural', 'normal' e 'esperado' para a reorganização de narrativas outras que nos tragam para o Centro. Essa (re)escrita passa pelo trabalho coletivo, articulado e reflexivo. Meios que nos permitam acessar como a linguagem é fundamental na construção de uma nova história podem ser uma alternativa possível para reconectarmos-nos com o que está em nós, que nos foi também passado de geração após geração na luta. Uma inspiração emergida a partir do histórico de resistência social dos/as fortes descendentes e sobreviventes do determinismo ocidental operado pelos/as soldados/as da branquitude.

### **1.1 Aquilombagem Crítica e linguagem: estratégias para ação**

Linguagem implica ação; é sinônimo de agir no mundo. Como explica Fanon (2008, p. 33), “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. Assim sendo, como um modo de pensar a AC de uma perspectiva de aplicação para o resgate ontológico da resistência social, podemos tratar da questão discursiva, e, mais especificamente, de como a linguagem exerce um papel de destaque nos embates pelo poder. Também, ainda a título de discutir uma ação possível de ser implementada na realidade social, podemos relacionar a questão linguístico-discursiva a modos de intervenção dentro do que discutimos na seção anterior.

Em primeiro lugar, entender a linguagem como uma maneira de escrever e reescrever o mundo é essencial. É aliás na percepção de obviedade que reside o perigo da compreensão limitada acerca do fenômeno linguístico. Diversos/as estudiosos/as podem ter uma definição sobre linguagem, dependendo do lugar científico de onde falam, no entanto não se pode negar que a linguagem nos orienta no mundo e é por ele também orientada. Apenas essa premissa já demonstra o quanto o modo como lidamos com o tema linguístico deveria ser tomado mais a sério. A linguagem tem caráter político. Recordemos que civilizações e nações inteiras estabeleceram seu poderio por meio da assimilação das línguas dos povos por elas colonizados. Vide o processo de luta que nações africanas ainda possuem no que se entende como língua oficial: em países como Guiné-Bissau, Moçambique e Cabo Verde, mesmo após duas décadas de autonomia política, a língua portuguesa permanece como língua oficial. O fato é que mesmo não sendo a língua em uso popular - como ocorre no caso de Guiné-Bissau e as comunidades falantes da língua fula, por exemplo -, a segunda variante mais usada, em geral, refere a línguas crioulas, ou seja, a uma mescla das línguas nativas mais a do país colonizador.

No contexto brasileiro, a intelectual Lélia Gonzales (2018) menciona a figura da “mãe preta”. Discursivamente utilizada como símbolo de integração racial, ela aludiria a uma resistência passiva, à medida que, como sujeito de suposto saber, atua como aquela que insere as crianças brancas na linguagem. Nesse processo, a “mãe preta”, segundo a autora, seria responsável por africanizar o português no Brasil, ensinando o “pretuguês” e instituindo tal variante na cultura nacional. Assim, dentro da perspectiva de Gonzalez, temos um desenho de uma resistência diferenciada, configurando mais um exemplo da natureza política da língua, tendo em vista ela marcar lugares e apagar outros tantos.

Quando mencionamos o termo 'linguagem', adentramos um terreno ainda mais complexo, posto que entendemos o termo 'língua' como um conjunto de estruturas gramaticalizadas de influência cultural, organizadas segundo um sistema lógico e composta por elementos morfológicos, fonológicos e semânticos (i.e., de sentido/significado) dissociáveis e analisáveis - fonemas, palavras,

orações, por exemplo. A linguagem, como mencionamos, por sua vez, engloba a língua e se expande. Podemos entender linguagem como um amplo campo de sentidos e realizações comunicativas as quais não estão restritas à estrutura sintática das línguas naturais (como a língua portuguesa, por exemplo). Em outras palavras, a linguagem está nas frases que falamos e escrevemos, mas também nas representações multimodais (que vão além da expressão verbal, isto é, a fala e a escrita) que povoam nosso imaginário como seres agentes no mundo. Desse modo, cores, composições imagéticas, produções audiovisuais etc. (expressões consideradas não verbais) são meios linguísticos, desde um ponto discursivo da linguagem. Notemos que tanto o aspecto verbal como o não verbal da linguagem compõem o modo como vivemos: como existimos ou não no mundo.

Falar sobre o lugar da linguagem, a partir da leitura que apresentamos, interessa-nos por ser tal desenho um exercício para o posicionamento crítico aqui defendido; ou seja, o de entender que cada produção linguística comporta uma intenção discursiva (i.e., baseada em visões de mundo particulares). É, pois, nesse sentido que a AC enxerga, em um trabalho atento de construção epistemológica, oportunidades de reescrita de narrativas acionais no social. Narrativas que nos (re)conectem a nosso meio, em um sentido amplo.

## **2. TRADIÇÃO ORAL, EXPERIÊNCIA PRETA E NATUREZA**

A título de ilustração, para alcançar esse objetivo, focaremos no papel social do Povo Preto. Para nós, trata-se de um inspirador exemplo de uma reunião de modos de realizar o processo de reforço ontológico defendido pela AC. Entendemos que a experiência é de nosso ser; ancestralmente, está na cultura Preta a tradição da oralidade difundida e passada de geração em geração (de famílias pretas a partir da historicidade africana dos africanos do continente e na diáspora). A história que traz a perspectiva da comunidade, a recolocação do sujeito na natureza, o vínculo e a conexão de um por todos são fundamentos dessa postura diante do mundo como um todo. Nessa perspectiva, Desmond Tutu (2012) destaca a construção comunitária e a tradição oral como vínculo ancestral, perpassadas pela formação do espírito, corpo, da consciência, do conhecimento e da natureza.

Na realidade ocidental, a natureza e todo o sistema de ciclos naturais são modificados e transformados em ferramentas de bem-estar ou destruição. A partir de uma leitura discursiva crítica, podemos observar como a linguagem possui papel decisivo no entendimento dos processos interpretativos da Natureza - o que impacta fortemente a existência humana. A maneira polarizada de lidar com as questões dos ecossistemas (e ainda do que o planeta Terra tem para oferecer) situa-nos em espaços discursivos diversos no mundo social. Tais lugares têm a ver diretamente com os modos de ação a serem desempenhados nosso entendimento, nosso lugar no mundo. Construções linguísticas

tais como 'As chuvas causaram alagamentos e transtornos para a população' ou textos multimodais que atribuem crueldade a tubarões, aranhas e cobras constituem identidades que, na verdade, são notadamente humanas e não características desses seres. Tais construções simbólicas não são feitas ao acaso, são estratégicas, portanto discursivas: elas, semanticamente, esvaziam responsabilidades que menos têm que ver com o mundo natural e mais com posturas humanas possuidoras de poder social.

Espaços da branquitude, como a publicidade e a mídia hegemônica, pavimentam posturas de rivalidade com a Natureza, consolidando bolhas sociais que deturpam entendimentos, por não observar diretamente o que envolve todo esse complexo sistema. É a manipulação linguístico-discursiva ocidental que promove uma lógica suicida, na qual o ser humano nas grandes cidades (ao comprar frutas no mercado, carne no açougue, ao se locomover em transportes fechados e divertir-se com filmes de animais a serem exterminados para a manutenção da 'paz') desconheçam a existência desse sistema que o circunda. É sempre lucrativo manter o *status quo* de grandes metrópoles. Não nos parece excessivo lembrar que, há mais três séculos, só se ampliam a devastação dos oceanos por meio do plástico, os danos causados pelo esgoto jogado em riachos, a destruição de nascentes; são problemáticas crônicas o lixo acumulado, as construções irregulares em brejos, mangues ou reservas, a poluição da água e do ar por insumos químicos, bem como a privatização desses mesmos recursos para os próprios humanos. É o trajeto secular dos erros postulados pelos discursos da branquitude, que recorre essencialmente à linguagem e a seu alcance comunicativo para manter esse sistema com contas pagas pela Natureza. Como dissemos, dissociando, com objetivos particulares (em geral, financeiros), a Natureza do ser humano.

A sabedoria da Ancestralidade Preta, na qual se ancora a AC, orienta que não há um distanciamento total entre o indivíduo e a Natureza: transformá-La não A desfaz; entretanto quando existe a retirada de algo, este volta para a Natureza de alguma maneira e, por consequência, para os seres que n'Ela coexistem, em um grande ciclo. Assim, a garrafa plástica de água vai para o lixo e/ou para o oceano; do mesmo modo que a água vira urina e retorna por meio do esgotamento. Do sofá velho, a madeira, os estofados, assim como quem nele senta-se, tudo, irá apodrecer e ser assimilado em um lugar dentro desse ciclo que, por vezes, reduzimos chamar de mundo. Tudo retorna a Natureza.

É nesse sentido que a AC conecta-se ao que defende a etnoecologia (PRADO & MURRIETA, 2015), a qual se apresenta como fonte de conhecimentos sobre as nossas escolhas e ações vinculadas às nossas necessidades e comportamentos. É um processo de reeducação, que busca aproximar o indivíduo da Natureza, para o entendimento do ciclo ecológico, em que as coisas que são tocadas pelo homem não se tornam simplesmente material humano. É inclusive uma reorientação discursiva que envolve o autorreconhecimento dos seres humanos como corpo que ocupa um

momento da Natureza. Desse modo, é vital preservar o meio como registro e condição de sua própria existência, uma lembrança constante de que somos parte de uma lógica que os discursos hegemônicos teimam em reconfigurar.

Reconhecemos, então, a característica da experiência reflexiva vinculada ao entendimento crítico dos processos discursivos (realizados através da linguagem) como uma proposta epistemológica e metodológica factível, no bojo da AC. Uma vez mais, convém ratificar, baseamos-nos no reconhecimento do modo ancestral africano como um espaço prioritário no desenvolvimento da Aquilombagem Crítica.

### **3. EDUCAÇÃO, CORPO E MEMÓRIA**

No que diz respeito ao elo entre epistemologia e metodologia na AC - o que permitirá a implementação da abordagem -, gostaríamos de enaltecer o papel fundante da educação. Trilhar rotas de reexistência, recorrendo, por exemplo, a um novo entendimento de relação com a Natureza é investir em letramentos não conectados com discursos da branquitude. Desse modo, educação deve ser disruptiva, passando a assumir o entendimento da experiência marcada no corpo do sujeito, que permita a prática da liberdade e da autonomia, em conexão com o meio onde se está. A educação aqui é compreendida nos termos de Allan da Rosa (2019), educação para florescimento, luta e viagem, aquela que permite equilíbrio e autoconhecimento, oriunda dos encontros, dos acontecimentos da vida social, isto é, que vai além dos muros de concreto da escola e das paredes da sala de aula. Apenas dessa maneira é que será possível assumirmos uma postura crítica de reconexão com o que está a nossa volta, a fim de agirmos visando novos modos de existir em sociedade.

Com Rosa (2019), é patente a desesperança de nosso Povo com o sistema escolar e com o racismo nele existente. O discurso racista é de desconexão corrosiva e aprisiona mentes e corpos, destruindo memórias corporais - haja vista, por exemplo, a rigidez e a inflexibilidade existente do sentar-se e do ouvir da sala de aula. Tudo isso soma-se ao anulamento da história do Povo Preto, como já apontava Abdias Nascimento:

Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira, no currículo escolar? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Ao contrário, quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra (NASCIMENTO, 2016, p. 96).

A educação, na citação, é ancestralizada e aparece como produção de memória, na condição de instrumento que permite a rememoração crítica do passado para enfrentar os desafios do presente.

Assim, tendo em vista a crítica ao modelo formal de educação instituído, das pedagogias que emergem, com a aplicação da Pedagogia (ROSA, 2013) no entendimento crítico-reflexivo da linguagem na reconexão com a Natureza (e, por extensão, com o mundo social), justificamos a perspectiva teórico-metodológica de resistência, advinda da educação popular e embasada na experiência negra diaspórica, em especial, a experiência afro-brasileira. O educador mostra-nos a viabilidade de uma proposta como a da AC, ao ser parte inspiradora central de nossa abordagem: a Pedagogia, realizada a partir de vivências da periferia paulistana (local de forte presença preto-diaspórica) é de fato uma metodologia que aponta para a possibilidade de aliar o meio ao manejo reflexivo da linguagem com vistas à mudança.

Assim, nosso trabalho de reconexão poderia ocorrer a partir da perspectiva ancestral do ciclo funcional observável na Natureza em união com tecnologias características dos seres humanos (indivíduos sociais); ou seja, seria feito a partir da inter-relação dos textos (entendidos, aqui, como a realização palpável das manifestações comunicativas, sejam escritos, orais ou audiovisuais) com as experiências do público envolvido em projetos de viés comunitário. Seria, como explica Rosa (2013, p. 124), uma

maneira de gerar e de transmitir saber que permita à abstração se enamorar da sensibilidade e do sensorial, do corpo, do que somos, que é água, ponte e barco para qualquer concepção e desfrute de conhecimento (...), abrangendo temas inter-relacionados e destacando a riqueza da história, da estética, da política de resistência e de anunciação do povo negro nas diásporas africanas pelo menos há mais de 500 anos, buscou equiparar o pensamento abstrato à materialidade das experiências, passadas e presentes, simbólicas e manancial de conhecimento. Cultura.

Como dito, para melhor visualizar a AC, damos ênfase às políticas de resistência, na história, experiência, cultura e estética dos africanos diaspóricos sem esquecer da importância da reflexividade acerca do meio em que existimos. O método da AC quer-se agregador, em que o ser em sua totalidade é importante, mas o que se constitui na relação com o próprio corpo, com o outro e com o meio (conhecendo-o, respeitando-o e com ele dialogando) (ROSA, 2019; SANTOS, 2019).

De forma posicionada, a AC busca - além dessa percepção sobre si a partir do trabalho com os textos e o corpo, com o Espírito ancestral e comunidade mais a Natureza - uma tomada de postura diante dos ataques que nos genocidam. A postura mencionada não é, de forma alguma, direcionada ao revanchismo ou à perpetuação dos desrespeitos e violência que nos marcaram os/as soldados/as da branquitude: o que se busca - em consonância com o defendido pela Pedagogia - é retomarmos o que é nosso. Reexistirmos.

Enfim, é na reexistência que as ações e processos da AC criarão raízes, pois é possível reorientar nossa energia como Povo que se mantém de pé, desde que saibamos com o que lidamos e

aonde queremos chegar. Na ginga, como nos estimula Allan da Rosa, mas atentos/as aos passos dados e seguidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compartilhada está nossa reflexão acerca de como a Aquilombagem Crítica e a linguagem se relacionam para a organização de projetos potenciais de reexistência. É atento a esse importante critério que a AC propõe uma tomada de postura voltada à reexistência por meio da reconexão com a Ancestralidade. Está nítido que estamos, cada vez mais, nos últimos tempos, em um movimento de luta e de busca veemente por nosso protagonismo com diversos canais de conexão, por isso o retorno à Natureza e a sua lógica de funcionamento não pode ser negligenciado. É ululante que o que está (e tem estado) aí não nos oferece rotas de ruptura confiáveis. Com um olhar especial para essa possibilidade de redes, a AC quer-se como uma perspectiva que pensa somar a esses movimentos de reexistência, intentando reunir corpos, braços e abraços para a reescrita de novos horizontes em nível de comunidade e troca.

Para isso, interessa-nos provocar o Povo Preto - com possibilidade de dedicar seu tempo à reflexão - a entender o quão não estratégico é estarmos alheios/as aos alcances possibilitados por uma observação crítica da realidade. Precisamos ver-nos a partir da reflexividade, ou seja, da compreensão nossa, bem como de nossa trajetória (ancestral) nos lugares onde estamos e ocupamos. Mais do que isso, devemos, uma vez alcançado lugares de poder, ir além, sermos acostumados/as e estimularmos os/as demais a assumirem uma posição crítica em relação a tudo.

Entender o funcionamento da língua e da linguagem como meios de manutenção de discursos branquitude é essencial para assumirmos uma nova ótica de existência, uma efetiva reexistência. Podemos perceber, por meio de uma análise crítica da realidade, diversas tentativas de estabelecimento e manutenção das lógicas genocidas ocidentais; no entanto, vimos que a leitura ontológica tende a configurar-se limitada se, de acordo com a AC, não contrapusermos as práticas de gênese ocidental com o modo como Natureza funciona e é absorvido pela ação ancestral de nosso Povo. Trata-se de uma reflexão que, vemos, muito pode contribuir para a relação particular com o meio social, em via de mão dupla, a fim de reorganizarmos posturas de resistência com vistas à reexistência de nosso Povo. A manipulação linguístico-discursiva ocidental deve ser posta em relevo, pois promove uma lógica suicida, com discursos vazios e manipulações linguístico-discursivas de preservação de um *status quo* que, a cada geração, mostra-se irreversivelmente corroído. Assim, a atenção para as relações entre linguagem, discurso e Ancestralidade podem ser observadas,

assimiladas e elaboradas através do que a tradição do cuidado com a Natureza constitui, há milênios. É inclusive sobre isso que a AC está à disposição para refletirmos em comunidade.

Nesse seguimento, a Pedagogia constrói-se pela ênfase nas políticas de resistência, na história, experiência, cultura e estética ancestrais e contemporâneas – temas afeitos ao entendimento de corpo (simbólico e material) no mundo. Um método, em que a totalidade se constitui como atravessada pela prática particular, na relação com o próprio corpo, com o outro e a com o meio social (em sentido lato). Com o foco nas vivências e conhecimentos experienciais, tanto a AC quanto a abordagem de Rosa conectam presente e passado (Ancestralidade) para assumirmos uma posição inédita diante do que lidamos cotidianamente. Exemplos como o desenvolvido neste texto mostram estratégias possíveis de não aliar o processo reflexivo-crítico a algo estritamente abstrato ou inalcançável: trata-se de respeitar nossa gênese, o que nos é natural, mas sistematicamente abafado por uma lógica daninha.

Desse modo, a AC entende como o trabalho com a linguagem e sua atenta relação com o meio são exemplos de elementos essenciais para nos instrumentalizarmos diante do genocídio de nosso Povo operado por setores do Estado, infelizmente, ainda repleto de representantes prepotentes da branquitude. Nosso apagamento é algo que ocorre há, pelo menos, cinco séculos neste território: é impossível não desconfiarmos haver uma lógica que arquitete tão aterrorizante realidade, pois continua estruturada e sofisticando-se em pleno exercício. Nada, nesse assassinio psicológico e físico, é declarado, por isso precisamos ver por detrás dos mais brancos véus, para agirmos e escrevermos uma história reconectada e de experiência transatlântica.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CARDOSO, L. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv** [online]. v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.

FLAUZINA, A. L. P. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** São Paulo: Perspectivas, 2016.

PRADO, H. M.; MURRIETA, R. S. S. A etnoecologia em perspectiva: origens, interfaces e correntes atuais de campo em ascensão. **Ambiente & Sociedade.** São Paulo, v. 18, n. 4, p. 139-160, out.-dez. 2015.

ROSA, A. **Pedagogia, autonomia e mocambagem.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SANTOS, G. Linguagem e decolonialidade: discursos e(m) resistência na trilha da quilombagem crítica. *In*: RESENDE, Viviane de Melo. (org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas: Pontes, 2019.

TUTU, D. **Deus não é cristão e outras provocações**. Trad. L. Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, Brasil, 2012.